

28

29
262

**ECCO GLORIOSO;
E FESTIVO,**

Que aos Reaes pés dos muito Augustos Monarcas
Lusitanos os Fidelissimos, e Serenissimos

DOM JOZE I.

**DONA MARIANNA VICTORIA
NOSSOS SENHORES**

Repercute do universal jubilo, com que seus leais e amantes Vassallos,
e tambem os que não tem a fortuna de o serem, aclamão, aplaudem,
e venerão optimo, rectissimo, suave, o presente governo,

*Suplicão ao Supremo Rey, e Senhor Omnipotente
o prospere, exalte, e prolongue.*

OFFERECIDO

Em o segundo anno de seu Reynado, no dia sempre faustissimo, e memoravel
dia sette de Setembro, por nelle haver sido jurado pelos Trez Estados
do Reyno o mesmo amabilissimo Soberano,

AO SENHOR

MAURICIO JOZE' TEIXEIRA DE CARVALHO,
Porteiro da Camera da Rainha N. S. &c.

Por BRA'S JOZE' REBELLO LEITE,
Presbitero Secular, Capellão, e Esmoller do Eminentissimo Senhor
Cardial Patriarca, &c.



LISBOA:

Na'Offic. de Pedro Ferreira, Impressor da Augustissima Rainha N. Senhora.

Anno do Senhor M. DCCLII.

Com todas as licenças necessarias.

mc 408786

RES

F. 4415

1350

28 P.



L I S B O A :

Offic. de Pedro Ferreira, Impressor da Augusta Real e Catholica Real Academia de Sciencas de Lisboa.

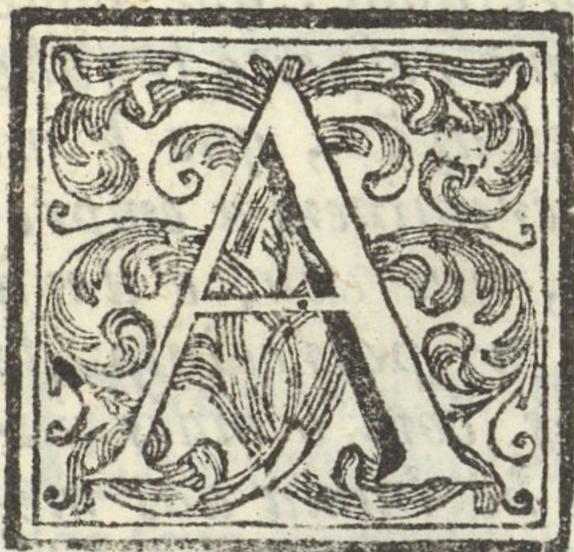
Anno do Senhor M. DCCCLII.

Com todos os direitos reservados.

213

A O SENHOR
MAURICIO JOZE' TEIXEIRA
DE CARVALHO,

Porteiro da Camara da Augustissima Rainha
Nossa Senhora.



Occupação de V.m. he de tão superior honra, como da mais nobre fidelidade. Os Palacios dos Reys não precizão de guardas, que para respeito. Os Principes que nelles residem, com as portas sempre abertas melhor os defendem. Não deixa de ser com tudo argumento da grande confiança, que se faz do vassalo, ainda que tão domestico, o conferir-lhe as chaves de abrir, e fechar aquellas felices portas por onde se entra para a caza do Sol, pizand
do

do sempre com veneração vestigios das melhores, e mais luzidas estrellas de Portugal. Nas mãos de V.m. pára o fio daquelle magestoso laberintbo, e delle se tece o brilhante adorno com que augmenta a distincção da sua pessoa. He ella não sómente qualificada por nobreza propria, e de seus antecessores, mas igualmente pelas virtudes politicas, e moraes, que em V.m. admirão todos. Para mim he que são de menos novidade, porque ha muitos annos, que sempre lhe venerei hum fidalgo procedimento, unido a huma tão grave benevolencia, que não falla com V.m. pessoa alguma. que do caracter do seu feliz genio, não infra ser efficáz influencia homogenia de seu preclaro sangue. Por não offender a sua notoria modestia, deixo de individuar aos nobilissimos heroes seus ascendentes, e porque de elevado na preeminencia do emprego, que V.m. exercita, nelle virtualmente se inclue o merecimento, que o fez capaz de tanta estimacção. Com este papel, que a V.m. dedico por especial affecto de amizade, e tambem como uzura do muito, que lhe sou devedor, não aspiro a tanto, que presuma, que póde entrar, donde com o mais profundissimo respeito se sabe render, pertendo sómente com a aceitaçáo, que V.m. delle faça, protejerme de que não me criminem a empresa de o idear Ecco do mayor brado, que deu, e dará no Mundo a nossa felicidade, pois no patrocínio de V.m. me reparo de quaesquer golpes com o mais inexpugnavel escudo. Como V.m. foy, e he huma das melhores vozes para a consonancia da aclamação, e dos vivas a Suas Magestades, perdoe-me copiarlhe tambem o seu glorioso Ecco, mas ainda, que confuzo com outros menos sonorozos, tão fieis, como constantes se congratuláo todos no mesmo fim. Deos guarde a V.m. muitos annos.

Muito venerador, e amigo de V.m.

Brás Jozè Rebello Leite.

LICENC,AS DO SANTO OFFICIO.

264

PO'de-se imprimir o papel, que se apresenta, e pertende dar ao Prelo o P. Braz Jozé Rebello Leite, intitulado Ecco glorioso, e festivo, e depois voltará conferido para se dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa 13. de Setembro de 1752.

Fr. R. Lãcastre. Silva. Abreu. Paes. Trigozo. Lobo. Castro.

DO ORDINARIO

EXCELLENTISSIMO, E REV. MOSENHOR :

ESte *Ecco glorioso, e festivo*, que o R. Braz Jozé Rebello Leite, pertende publicar, não desmerece a licença, que para isso se pede a V. Excellencia pois em nada he dissonante aos dogmas da Fé, nem aos bons costumes. Convento de N. Senhora de Jesus de Lisboa em os 14. de Setembro de 1752.

Fr. Pedro José Esteves.

DO PACO,

SENHOR:

ESte papel he hum Ecco festivo, com q̃ os Vassallos de Portugal aplaudem o felecissimo, e suavissimo governo dos seus Fidelissimos, e Augustissimos Monarcas D. Jozé I. e D. Mariana Victoria, nossos Senhores, composto pelo R. P. Bráz Jozé Rebello Leite, Capellão, e Esmoller Mór do Eminentissimo Cardeal Patriarca. E ainda que para credito, e approvação desta obra bastavão os dous soberanos nomes, que no seu frontespicio se vem gravados, ambos tão conhecidos, como respeitados em todo o mundo; obedecendo porem à ordem de V. Mag. li com particular reflexão este papel, e por todos os lados me pareceu obra

muito singular : singular no titulo, singular na materia ; e singular na fórma, que lhe deu o seu Author.

Singular no titulo, porque o seu Author o intitula *Ecco*, e não lhe podia dar nome mais proprio. He o *Ecco* huma repercussão, ou reflexão da vóz : he esta obra huma repercussão, ou reflexo da vóz publica, que com gosto dos naturais, e inveja dos estrangeiros não cessa de apregoar em todo o mundo a felecidade de Portugal no suavissimo governo dos nossos Fidelissimos Monarcas. Costuma repetir o *Ecco*, o que diz a vóz, e aonde as disposicoens são muitas, he cousa verdadeiramente prodigiosa ver como os *Eccos* se correspondem huns aos outros, e todos sem discrepancia repetem uniformemente o que disse a primeira voz. Tal foi do Portico Olympiaco, do qual se conta, que sete vezes repetia a mesma vóz : e o R. P. Athanzio Kircher da minha Sagrada Religiaõ no tom. 2. da sua *Musurgia* traz a estampa de huma casa de prazer, que pertence aos Condes de Simoneta, huma legoa distante da famosa Cidade de Millaõ, na qual ha hum *Ecco* de tal artificio, que repete 24, e mais vezes a palavra, segundo a qualidade, e força da vóz, q̃ a pronunciou. Para vencer todos estes milagres da natureza, e impossiveis da arte, inventou o Author este novo, e prodigioso artificio, e levantando a voz mais que todos, formou este festivo *Ecco*, que repetirá nos Porticos Lusitanos não só 7. vezes, como no Olympico, nem só 24. vezes como na casa de prazer de Simoneta, mas eternamente o suspirado governo dos nossos Fidelissimos Reys. Nesta parte só confidero no Author hũa infelicidade, q̃ lhe faz subir de ponto a sua ventura. Não costuma o *Ecco* repetir tudo o que se diz, porq̃ sempre no caminho, ainda q̃ sem desordem, se atropellaõ as palavras, e servem de impedimêto hũas às outras. Assim succedeu ao Author deste seu papel, ou neste seu festivo *Ecco* : por mais que levantou a vóz, para nelle exprimir as maximas do felicissimo governo, que experimentamos, nunca o pode cabalmente conseguir, não porque saltassem alentos á sua vóz, nem

valentia

valentia ás suas palavras, mas porque a scena do presente governo foi verdadeiramente tão aprafivel para os fieis Vassallos destes Reynos, que correspondendo-lhe nella successivamente as maximas hũas, e outras, todas juntas, ainda que sem discrepancia, não podiaõ caber no reflexo de hum só *Ecco*, posto, que muitas vezes repetido; e por varios modos combinado.

Singular na materia, por que a materia deste papel, ou o argumento deste discurso, he ponderar as virtudes Christãs, e politicas, com que o nosso Fidelissimo Monarca se tem singularizado desde o tempo, que começou a reynar. Pondera a virtude da Religiaõ, em q̃ tanto se distinguio, q̃ logo nos primeiros dias do seu governo mandou escrever ao Prelado da sua Capital, fizesse avizo aos Prelados, das Religiões, para q̃ todos nellas encomendassem a Deos o bom acerto, e direcçaõ da sua regencia, imitando nisto ao Santo Rey David, que não punha tanto o bom exito de suas reaes intenções na prudencia, e vigilancia de seus Ministros, quanto nas Oraçoens, e preces, com que invocava a Deos: *Nos autem in nomine Domini invocabimus.* Psal. Pondera a virtude da liberalidade, e grandeza, com ^{19.} que o nosso Fidelissimo Monarca tem satisfeito as esperanças da Corte no grande augmento de Marquezes, e Condes, que de novo creou, e nos muitos creados, que houve por bem nomear, para que o seu Paço ficasse mais, decente, e respeitado com assistencia de mayor numero de Nobreza, e o esplendor das familias mais engrandecido com o Real serviço. Pondera a virtude da justiça, de que logo no principio nos deu aquelles dous grandes Padrões na acertada eleiçaõ dos dous Secretarios de Estado para melhor expediçaõ dos negocios, despacho das Consultas, e adiantamento do bem publico, que he o fim a que dirigio tão efficazes, e proporcionados meynos. Pondera, torno a dizer, a virtude na justiça, q̃ faz ao nosso Fidelissimo Monarca para com os criminosos severo, mas sem paixão; para os benemeritos generoso, mas sem jaçtancia; e
para

para com todos igual, e sempre o mesmo. Pondera outras muitas, e singulares virtudes, com que Deos liberalmente enriqueceu a grande alma de S. Mag. que eu não refiro, para que não pareça elogio, o que só deve ser censura.

Singular na fôrma, porque neste papel mostra o seu Author, que não só tem mão para repartir esmollas, e compor Sermões, se não também para escrever elogios. Neste se cõforma com todas as leys na Oratoria, divide o todo em partes para mayor clareza do seu argumento, sem que a divizaõ das partes deixe de ser filha daquelle todo. O estylo he adornado com tanta pureza de frases, e agudeza de conceitos, que abraça todas aquellas boas qualidades, que se podem desejar em hum perfeito Orador; porque he claro, e breve, facil, e elegante; forte, e juntamente suave, discreto, mas não affectado, copioso, mas não redundante. Imprima-se pois obra taõ excellente, e sirva este papel de *festivo Ecco*, em que a posteridade, ouça com profundo respeito as primeiras virtudes, e acçoens dos nossos Fidelissimos Monarcas, e admire agradecida ao Author o zelo com que procura adiantar nos seus escritos a memoria dos nossos Fidelissimos Reys, e Senhores, que devemos trazer gravada nos nossos coraçõens para perpetuo culto de nosso amor, e eterno holocausto de nossa fidelidade. Este o meu parecer. V. Mag. ordenará o que for servido. Lisboa no Real Collegio de Santo Anttaõ da Companhia de JESUS 17. de Setembro de 1752.

Pedro Alfaya.

Que se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso, tornará à Meza para se conferir, e taixar, e dar licença para correr, e sem isso não correrá. Lisboa 25. de Setembro de 1752.

Ataide. Castro. Mouraõ.

ECCO



ECCO GLORIOSO, E FESTIVO.



O apagar-se com o ultimo suspiro da vida aquelle igualmente regio, que vigorosissimo alento do Senhor Rey D. Joaõ V. de eterna recordação, como enxugarião tantos olhos as successivas, e faudo-fas lagrimas, que corrião a embalsamar o augustissimo cadaver com mais segurança de incorrupto, ou se arrojavam impacientes do penetrante estímulo de tão sentida perda, se immediatamente não advertissem, que ao exhalar daquelle tão superior, piis-simo, e heroico espirito, o adorâmos logo com magestoza, e felicissima reproducção, ampliado nos projectos, com que Sua Magestade reinante se dispoz primeiro para a aclamação de justo, do que para a de Rey!

Principou o Fidelissimo Soberano *D. Fozé Nosso Senhor em tudo primeiro*, a governar pedindo, e por essa causa logo tão admiravelmente acertando, que antes de se fazer aclamar Monarca, ainda com tão incomparavel merecimento, quiz que do Ceo lhe precedesse o melhor voto. Fez menos cazo de lhe virem os Reinos por herança, do que por fugeição á Divina Omnipotencia. Ordenou ao Eminentissimo Senhor

Cardial I. Patriarca de Lisboa mandasse, que em todas as Igrejas do Patriarcado se expozesse à adoração dos fieis o Santissimo Sacramento da Eucaristia, e S. Eminencia o participou a todas as Sagradas Religiões, e Parroquias de seu dominio, mostrando S. Magestade nesta acção tão Catholica, que como Rey Fidelissimo não queria estabelecer-se no Throno sem que ensinasse a seus vassallos, de donde se communicava a existencia, e felicidade aos mayores Imperios. He tão Augustissimo Sacramento o Mysterio chamado da Fé, e como não entraria a governar com perspicacia mais que de Argos, quem como Sua Magestade Fidelissima primeiro fechou os olhos para não ter outra luz para os acertos, que a feliz escuridade, que nos Reynos Christãos se estima por principal virtude! Com tão preventiva adoração a hum Sacramento, que he a mais boa graça, como não havemos ir continuando de observar com muita satisfação, no nosso optimo Rey, que procede em tudo com a ordem mais recta.

São os grandes da Corte os mais chegados á pessoa do Soberano, e Sua Magestade reinante ainda os fez mayores, porque tambem creceo mais na soberania que seus antepassados. Menos foy, que os condecorasse com os excelsos titulos, e empregos, com que os engrandeceo, e que lhes innovou, por ser a mayor honra do despacho, augmentar-lhes com esta mercê não sómente as rendas para conservação do lustimento, mas promover-lhes huma nobre circulação no illustre sangue, que tão sómente para fastos gloriosos, e immortaes os estimule.

Depois de satisfeita a melhor parte da politica; que consiste em ampliar aos grandes, e benemeritos nas honras, se seguiu attender Sua Magestade aos clamores, de que talvez já tinha noticia no tempo de Principe.

cipe. Na boa, ou má administração da Justiça se retratão o decoro, ou injuria da Magestade. Sempre no Mundo houverão queixozos dos Ministros, porque como cada hum dos pertendentes, ou dos litigantes se persuade, que lhes assiste muita razão para preferidos, he quasi vulgar, que se tornão mal-dizentes, quantos não sahem, como querem, despachados. Não ha duvida, porém, que não só da plebe interprete inconstante das acçoens, que lhes são superiores ao discurso, mas ainda de muitas pessoas de animo sincero, e imparcial, que com zelo, e dôr se interessão em quanto seja credito do seu Paiz, são os juizos problematicos, se com a corrupção dos costumes, seja ella transcendente a alguns dos Julgadores, que menos reflectem na obrigação; e inteireza de seus ministerios. Verdade he, que os q se observão de hũa Monarquia, não tem sómente por limite a circunferencia, em que se approvão, ou disputão, porém extendem-se, e são examinados pelos mais Reynos, e Cortes, e persistem já hoje os juizos de alguns homens no sistema de darem mais credito às historias, e noticias, que dos paizes escrevem os forasteiros, do que às que lhes communicão os naturaes; porque se fundão em que os primeiros como attendem unicamente à instrucção da posteridade, e a que na memoria se immortalize a serie de todos os successos, assim os dão à luz sem temor, e com pureza da verdade, que não dissimule com lisonja, ou calle por afronta algũs fastos menos decorosos às Monarquias, o que certamente occultão, os que nascerão, ou vivem no mesmo paiz, de que tomãrão por empreza escrever. Não ha muito, que eu li em hum livro, que trata da descripção da nossa grande Cidade de Lisboa, impresso em Amsterdam no anno de 1730. por *Pedro Humbert*: que nos nossos Tribunaes he summo o vagar, com que se

se dà expedição aos negocios, já pelos subterfugios dos Advogados, em q̄ se presumem excellentes, como pela insensibilidade, e menos cuidado nos Ministros, que nas materias crimes procedem com tal demora, e tão grande favor, que os mais severos castigos, e penas, que impoem por crimes atrozes, são de degredo para a India, ou Marzagam. Aos doutos melhor exporei a noticia no proprio original fol. 164.

Au surplus, il ya un Parlement a Lisbonne, qui est, comme je l'ay dit ci-devant, le premier du Royaume: il y a aussi plusieurs Tribunaux subalternes. La Justice s'y rend par tout avec une extrême lenteur, tant par les subterfuges des Avocats, en quoi on prétend, qu'ils excellent, que par l'indolence, ou l'incapacité des Juges. Les Juges du criminel, joignent à la lenteur une tres-grande indulgence; leurs Arrêts, presque les plus severes, étant d' enrôler les criminels pour les Indes, ou pour Mazagan en Afrique, &c.

Não aprovo a nimia liberdade do Autor, que assim escreveo; porque no tempo, em que o fez, e nos posteriores, houverão, e ainda existem Togas, que vinculaõ a authoridade com a independencia, e com o temor de Deos, Varas, que nem se torcem, nem se inclinão, mas segundo a gravidade do delicto, e merecimento dos autos, medem o rigor da condemnação, mitigão o excesso da pena, applicão a cada hum o que lhe pertence, e tudo ajustadamente proporcionado com os dictames da ley: Patronos, que, com a verdadeira intelligencia dos textos, soccorro promptissimo de decizões, cazos julgados, e da pratica, que se segue, tem por objecto principal a honra, e bom nome, que mais estimão, do que se occupão em se adiantar opulentos,

acei-

ceitando para defenfa, jufta, ou injuftamente todas as cau-
fas. E quando haja entre tantos, que tem fómente por
alvo a juftiça, algum, que com os rasgos da penna, ou
com a refolução do voto, deixe para a pofteridade mui-
to deffigurada, a huma tão grande virtude, nunca
defabona o respeito dos Tribunaes, ou offende a in-
tenção recta dos Jurisperitos, o erro, ou malicia de
hum, e mais homens, ou perturbados com a ignoran-
cia, ou cegos do interece. A falta deste conhecimento,
e de indagação precisa para fallar hum forasteiro, em
materia de que fe lhe faz mais difficultoso o exame,
he a razão de discorrerem menos felices fimilhantes
engenhos, que o são em outro genero de escri-
tos.

Tudo isto fe vê altamente prevenido pelo incom-
prehensivel talento, prudentiffimo, e suave genio de Sua
Mageftade, que no principio de feu reinado, nem per-
mittio impunidos os escrupulos de offensa à fua Jufti-
ça, representada até em pessoas, a quem o costume,
ainda quando as conhece fem litteratura, e talvez menos
boa indole, deve não insultalas, por attenção a serem
subalternas a outros ministerios, donde em melhor fi-
gura respeito todos a virtude, que defende, conser-
va, e faz feliciffimos aos Povos.

Deste que pareceo rigoroso arbitrio de Sua Ma-
gestade, quando foy profundiffima refolução para que
a cautela dos vassallos venerasse, fem disputar a ma-
teria, em que fosse, copiado o decoro de seus attribu-
tos, se infere como se empregará activo o feu po-
der, havendo delictos, que punir, defordens, que
evitar. Aos Tribunaes fez, que se infinuasse o despra-
zer, que teria se se attendesse à protecção, mais do
que ao merecimento, ou à mayor qualidade da pessoa,
sendo o cazo puramente de juftiça, em que esta deve
triunfar

triunfar com dominio a todas as paixoens. Para fazer aos mesmos vassallos mais gloriofos, sem perder a Mageftade de Rey, trata aos domesticos com benevolencia de amigo, sendo sem exemplo, que já mais se vilfe em Sua Mageftade displicencia, ainda para os que faõ menos Aguias deste melhor Jupiter, porque no sublimme olimpo de feu magnanimo coração em todo o tempo se exprimenta serenidade.

Dispende Sua Mag. com profuzão seus thesouros na reedificação de Templos, e Palacios, e erecção de outras obras utiliffimas, levando à toda a parte dõnde faz affento a sua Corte, as auríferas corrientes do Tejo, porque manão rios de ouro em beneficio dos miseraveis, e credito da magnificencia. Para que continúe o grande Convento de São Francisco da Cidade, lhe conffignou por dez annos a fomma de outros tantos mil cruzados em cada hum. Ao Hospital Real de todos os Santos distribue com igual munificencia que piedade abundantiffimas elmollas, expedindo a sua soberana, e activa providencia os meynos mais proporcionados para a sua nova construcção, porque por genio não póde S. Matade saber, que ha affictos, e miserias, de que logo não cuide com o mais suave, e promptiffimo remedio. Para fazer as suas forças terrestres, e navaes respeitadas por completas, se construem actualmente nos estaleiros, Naos da mayor grandeza, e se vão enchendo os corpos das milicias de gente, que lhes faltava. Em que florea o commercio, e se augmentem nelle os interesses, como principal maxima de ter aos Reinos, e Povos opulentos, attende Sua Mageftade a quanto conduza para tão conveniente fim.

Que direi da discreta eleição de saber divertir-se do laboriozo officio de Rey, conciliando ao mais bom gosto com todas as honestas, e competentes recreaçõens?

creações? Sem que falte á expedição de innumera-
veis negocios, se aproveita do tempo, de tal modo,
que o occupa, e preenche com exercicios ao seu altissi-
mo estado muito conformes. Despacho, casta, e Mu-
fica são os trez, entre outros, nobilissimos empre-
gos, de Sua Magestade passar as horas, que tem li-
vres de mayores cuidados da sua tão vasta Monarquia,
de recrearse com a lição da Historia, e de muitas de-
voções, em que em melhor objecto desafoga o seu tão
Catholico espirito. Com o despacho satisfaz a obri-
gação de Rey, na casta se ensaya mais robusto para
o theatro da guerra; e com a doce harmonia da Mu-
fica, e de seus sonoros Instrumentos, soube naturalizar
no Reyno, e no seu Palacio a mais viva imagem da
eterna Bemaventurança. Emfim não tem Sua Magesta-
de divertimento, que pareça ocio; no despacho dila-
ta o coração, na casta fortifica ao corpo, e na Musi-
ca eleva a Alma.

Porém hum Monarca, a quem derão o ser hum
preclarissimo Rey, que excedeo na comprehensão do
juizo, a quantos sobiraõ ao throno antes que elle, e
seu glorioso filho o erigissem mais elevado; hum So-
berano a quem a incomparavel educação da Augusta
Rainha tão religiosa, como universalmente amada, ins-
truiu primeiro para o Santuario, do que para o So-
lio; como era possivel, que não correspondesse admi-
ravel, e fecundissimo fruto dos mais excellentes, regios
predicados, e discreta cultura?

Na Magestade, e belleza do seu semblante estabe-
lecerão domicilio as graças, e excedem o numero de
trez. Não ha parte do perfeito organizado corpo, que
não desperte a admiração muito unida com o agrado.
Fazia-se esteril na natureza a similhaça, e para ter
com quem cõmunicar a gloria da sua raridade, achou
fe-

felizmente a hum superlativo objecto, onde se adoração, e conservação identicas as perfeiçoens. Das da Serenissima Rainha *Dona Marianna Victoria* nossa Senhora, que se calculam mais pelo rendimento dos olhos, do que pelo exame da vista, he tão penetrativo o seu extradinario, e benefico influxo, que recolhendo-o todo no augustissimo peito, a generosa ambição de seu Soberano consorte, só naquelle brevissimo tempo, em que se transmigram reciprocos os puros votos de tão indelivel, e castissima concordia, permite a severidade da admiração, que se eternize ao vinculo gratissimo de tão optimas prendas, huma nova, mas reverente idolatria, com desculpa de não ser cegueira, porém obrigação no amor.

Neste imperfeito rasgo da minha humilde penna, dou a ver huns longes daquelles dous magestozos astros, que na esfera do Luzo Imperio se coroarão neste dia com o diadema de heroicas, e de incomparaveis virtudes, e com os resplendores de seus augustissimos pensamentos, a que o sempre leal Povo Lusitano correspondeo com aclamaçoens, que erão juntamente vivas.

Daquella para Portugal prosperissima ephemeride, começou a dilatar-se o Ecco de tanta gloria ao Reyno, e suas Conquistas, e retumbou no Mundo todo, que chegara a fortuna a vencer as inconstancias da sua roda, coroando-se de firmes felicidades no mais permanente troço.

Como os jubilos da Aclamação se forão multiplicando com as vozes dos successivos acertos, com que o Rey nosso Senhor attende para tudo, que seja gloria, e bem da sua Monarquia, continúa a ouvir-se o suavissimo Ecco de suas admiraveis resoluçoens; todas tão convenientes, como ajustadas aos felices progressos de hum Soberano Fidelissimo, em ser o mais Ca-

tholico

tholico, e em não perder já mais de vista quanto seja para si de mayor authoridade, e para seus vassallos de muito beneficio. Para prover a estes de remedio a suas supplicas, e queixas, madrugua Sua Magestade, com bastante incomodo, em darlhes frequentes audiencias, e elegeo a dous Illustrissimos e Excellentissimos Secretarios de Estado, animadas, e incorruptas Taboas da Ley daquella Augustissima Arca, donde a vara produz mais frutos de piedade, do que serve de instrumento para o castigo, e contém no fecundissimo thesouro de seus beneficios a hum novo, e especial Maná, que bem parece cahido do Ceo, em se accomodar ao gosto de todos. Nas preclarissimas pessoas dos Illustrissimos e Excellentissimos Senhores Diogo de Mendonça Corte Real, e Sebastião Jozé de Carvalho, e Mello, attendeo Sua Mag. á sua antiga, continuada nobreza, e fidalguia, capaz de lhes permitir todos os dias a sua augustissima presença, e a huma superior armonia de discurso nas prudentissimas propostas, pezada fielmente na balança, de Astrea, e constante paciencia para ouvirem a differentes generos de pessoas, com hum verdadeiramente imperturbavel, e dilatado coração de Principes. O Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Pedro da Motta, e Sylva tambem dignissimo Secretario de Estado, como não foy creatura do muito alto, e poderozo Rey, que nos governa, se lhe deriva de mais anterior real conceito, a egregia veneração de profeguir huma solida intelligencia para os despachos. O servir-se Sua Magestade do seu zelo, experiencia, e penetração nos mais arduos negocios, o coloca em igual esfera daquelles dous sapientissimos Oraculos. Não ha cousa tão difficil, como acharem-se sujeitos para ministerio similhante com as qualidades, que devem ter. Até nisto foy muito feliz o nosso Monarca

narca em nomear a dous, que juntos com hum, que sómente havia, fação impossivel, que já mais se rompa o segredo, e gloria do gabinete.

Ainda vai soando, e soará o magestozo Ecco de tantas felicidades. A que o Rey nosso Senhor teve no provimento de benemeritos, em quem confie descansar o glorioso, mas sempre grande pezo da sua augustissima Coroa, se lhe ampliou no acertadissimo voto de confirmar o mais importante Ministro de sua concien-
cia. No exemplarissimo, doutissimo, e Reverendissimo P. M. Jozé Moreira da Companhia de Jesus, que já era Confessor de Sua Magestade no tempo de Príncipe, completou o Soberano a gloria de que para vencer, q̃ he protegido muyto especialmente do Ceo o presente reinado, fayem todas suas altissimas idéas sem escrupulo de poderem degenerar infastas, porque com Deos primeiro as consulta, e depois premeya, a capacidade dos homens, menos por informações, que poucas vezes se tirão, e se dão sinceras, mas pelo merecimento, que nelles prova a sua em tudo incomprehenfivel, e perspicaz penetração. Não mudou de semblante o observantissimo Varão filho de Santo Ignacio, antes sendo o proficuo Director do espirito de ambas Magestades, soube avaliar a estimação da honra, mas não se serve della para se privilegiar das obrigaçoens, e costumes de Religioso. Para qualquer genero de pessoas o vem exposto no Confessionario, attender, e dependencia, favorecendo tão recto, como desentereçado a muytos no que pôde.

São tão quasi infinitas as acçoens, em que o amavel Rey nosso Senhor disputa a discreta actividade, e sumptuosa magnificencia, aos que antes d'elle existirão; que atropelando-se humas ás outras as vozes do applau-
so,

fo, a mesma confusão da sua multiplicidade; faz perceber menos a grata correspondencia de Ecco tão glorioso.

Não cale Portugal, que desde a Epoca de Noé, se conserva gloriosissimo em quatro, entre muitas mais prehemincias, que não descobre a investigação em outro algum Reyno Catholico; e são: *Nunca apostatar da Fé, depois, que nella se criou; Não aparta-se já mais da obediencia á Santa Sé Apostolica. Preceder ás mais Naçoens em levar o nome de Christo, e seu Sagrado Evangelho a climas atéli ignorados, e muito distantes; e finalmente não declarar guerra invasiva senão aos Infieis.* (a) Elogio he este, que lhe fez hum doutissimo, e insigne Prelado estrangeiro, como se lê no Itenerario do Illustrissimo, Excellentissimo, e muito Veneravel Frey Bartholomeu dos Martyres da Ordem de São Domingos, e famigerado Arcebispo de Braga) porém a tanta gloria, ajunte o nosso incomparavel Monarca a de o ser de hum Reyno tal; e o seu Povo, a de que neste faustissimo dia, dissipadas as trêvas de hum tão dilatado, e merecido luto, se lhe restitue superiormente mais brilhante o alegre alvorosso, transpirando até no exterior lusimento, o perenne jubilo, que já lhe não cabia no coração, vendo-se na felicissima posse de hum Rey, de quem com mais verdade, se deve affirmar, do que de Tito, ser a delicia de seus subditos, e de huma Rainha, que tem muito mais poderoso imperio nas adoraveis prendas de que se adorna, do que no do Occidente até o Oriente, em que he Soberana.

Este he, e muito mais, o magnifico, Religioso, optimo, grato, pio, justo, e munificentissimo Rey Dom Fozé o I. Nosso Senhor! Oh que suavidade sente a Alma

(a) Malach. D' Ingnimbert. in Itenerar. D. Er. Bartholom. à Martyr. Tom. 2.

Alma de cada hum dos vassallos, ao proferir a lingua, ao escrever a penna hum nome, que significando augmento, he em o nosso Augustissimo Soberano, termo de todas as virtudes! A da magnificencia, se lhe admira nas idéas, que poem em execução, e que fecundamente estão delineadas pelo seu indesputavelmente magnanimo espirito na grandeza infaciavel. A da Religião, no promptissimo obsequio ao culto Divino, e em assistir todos os dias ao Santissimo, e incruento sacrificio da Missa, e ás mais solemnes funçoens da Santa Igreja Patriarcal. A da benevolencia, em animar ao seu Povo a confiança de prostrado a seus reaes pés, como aos de pay, e que lhes hade cumprir o que for justo com a suprema authoridade, e respeito de Rey. A da piedade, em attender aos consternados, e moderar muitas vezes o rigor com os delinquentes. A da Justiça, na constancia de ter sempre o grande pezo do Sceptro em inalteravel equilibrio, valendo à innocencia, e punindo á maldade. A da magnificencia, em fazer conduzir para a sua Corte a sogeitos mais bem exercitados nas Artes, de que todos os Principes de gosto delicado fazem estimação, não só para pelos ouvidos serenar o continuo tumulto de idéas, que lhe cingem a Coroa, mas por que tudo, que deste modo virem, e ouvirem nossos Monarcas, seja tambem hum instructivo, e agradavel estudo para o bom governo, por se estabelecer semelhante divertimento, em regras, e preceitos pontualmente ajustado: e para satisfazer com estipendios atéqui nunca com tanta largueza concedidos, o excesso, que leva Sua Magestade, a seus antecessores, e propagar a sua Augusta Fama, que he a que pelo Mundo amplia com o ruido da profuzão, mais celebrada a gloria da Magestade.

Este he (não acabara de o dizer) o Lusitano Rey
Sala-

Salamão, docil, sabio, opulentissimo, e de todos amado, e que excede ao primeiro na observancia da Ley. Este he o filho de outro Monarca como David, muito do coração de Deos, que entra hoje novamente nos de seus vassallos para lhes ennobrecer a affluencia, e candura dos amantes affectos, com que repetem immortaes vivas à sua aclamação, proferindo: (a) *Seditque Salomon super solium Domini in regem pro David Patre suo, & cunctis placuit. . . . Et dedit illi gloriam regni, qualem nullus, habuit ante eum rex.*

Este he, e será, como optimo, o Rey, cuja redundancia de heroicas, altivas emprezas, e acçoens, tendo ao Mundo por limitado para Ecco da sua grandeza, e heroicidade, hade, abater nos Mares a furia de Neptuno com suas armadas, e na terra combater os ardores de Bellona com seus exerciçtos, patrocinar as sciencias, protejer ao Commercio, preferir aos grandes, adiantar aos soldados, favorecer aos pequenos, extirpar aos facinorosos, condecorar aos domesticos, defender a Fé, estimar aos Ecclesiasticos, attender aos Religiosos, fervir-se dos benemeritos, e triunfar dos inimigos, por cuja regia vida, e da das Serenissimas Rainhas sua Esposa, e Mãy, e de toda a familia Real, devemos supplicar incessante, e efficaçmente ao Rey dos Reys, que lhe conferiu o Reyno, que he muito seu, que lho dilate não sómente perduravel, mas feliz, e com o glorioso progresso nas virtudes, que nas suas augustissimas pessoas adoramos. (b) *Tua est Domine magnificentia, & potentia, & gloria, atque victoria, & tibi laus: cuncta enim, quæ in Cælo sunt & in terra, tua sunt: tuum Domine, Regnum.*

(a) Paralipom. lib. i. cap. 29. v. 23. & 25.

(b) Paralipom. ut sup. v. 11.



ROMANCE HEROICO AO MESMO ASSUNTO.

ECCO festivo, Jubilo sonoro,
Retumbem gloria do ambito rotundo;
Pois aclamado existe em todo o orbe,
Quem naõ sendo ainda Rey, já era justo.
Dilatem-se igualmente gloriosos
Da Belleza os periodos mais cultos,
Que impressos na real feliz consorte,
Todos os seus traslados saõ augustos.
Novamente se aclamem taes Monarcas,
Que ha dous annos regendo ao Imperio Luso,
Cada dia, que contaõ de governo,
He de eterna memoria illustre assunto.
Que suave uniaõ das regias almas,
Nos candidos affectos incorruptos,
Por huma só vontade respirando!
Mas o que? mimo tal foge o discurso.
Adverti (se taõ alto o pensamento
Pode elevarse sem perder ao rumo)
Da perfeiçaõ no vinculo sagrado,
Hum indivizo amor, que gera muitos.
As graças naõ vereis destribuidas,
Mas os primores dellas todos juntos
Em cada hum Monarca, que as adora
Niveo prodigio em extasi purpureo.

Vede

271

Vede que industria usou a natureza,
Que esmerada em polir regios transfuntos,
Nos dous Astros dos olhos do Monarca,
Copiou ambos reys em Ceos mais puros.
E como naõ seraõ sempre benignos
Para nós, como a todos, seus influxos,
Se do Rey, e Rainha iguaes no aspecto,
Saõ os dous signos, *Venus*, e *Mercurio*.
Oh quem vira, que a sua actividade,
Tracladada a formar hum novo fruto,
Era de tanto gosto á Monarquia,
Que o prazer foppurava por diluvios.
Mas no que tarda, não me desconfia,
Que antes he raridade do producto,
Que estude a natureza nos milagres,
Hum filho destes paes trazer ao mundo.
Fatigara na prole, que lhes dera,
Pois he da formosura toda indulto,
E os prodigios tambem se esterelizaõ
Para o serem nos seculos futuros.
Os Reys vivaõ, que a vóz, e Ecco ingentes,
Que hoje os acclamãõ, clamãõ que jocundos
Na duraçaõ na gloria, na equidade,
Se immortalizem *Themis*, e *Licurgo*.





RES.

135028 P